

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

Campus São Paulo

ARIANE APARECIDA VENTURA FACHINETTO

MATEUS HENRIQUE BORGES CAETANO

IMAGINAR RIOS

São Paulo

2023

ARIANE APARECIDA VENTURA FACHINETTO

MATEUS HENRIQUE BORGES CAETANO

IMAGINAR RIOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” (UNESP), como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciados em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Carminda
Mendes André

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F139i Fachinetto, Arianne Aparecida Ventura, 2001-

Imaginar rios / Arianne Aparecida Ventura Fachinetto, Mateus Henrique
Borges Caetano. -- São Paulo, 2023.
47 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carminda Mendes André.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte moderna - Séc. XXI. 2. Identidade de gênero. 3. Relações raciais. 4.
Classes sociais. I. André, Carminda Mendes. II. Caetano, Mateus Henrique
Borges, 1999-. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 700.103

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ARIANE APARECIDA VENTURA FACHINETTO

MATEUS HENRIQUE BORGES CAETANO

IMAGINAR RIOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” (UNESP), como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciados em Arte-Teatro.

Aprovado em 25/11/2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Carmina Mendes André
Universidade de São Paulo

Martha Kiss Perrone
Fundação Armando Alvares Penteado

Prof. Me. Moacir José da Rocha Simplício
Fundação Armando Alvares Penteado

RESUMO

Imaginar rios não é apenas uma elaboração poética sobre como nós, pessoas racializadas e dissidentes tentamos transformar o mundo que nos foi introjetado mas também um convite a imaginação de outros mundos possíveis, novas rotas de fuga, escapar, ir para trás para entender o que fazer lá na frente, reorganizar nossas moléculas para nos transformarmos em novos imaginários que até então diziam ser impossíveis para pessoas como nós, recriar a partir do lixo colonial e ir de encontro a beleza que nos foi roubada, revirar, tumultuar, desobedecer e retomar nosso espaço, nossa ancestralidade, nossos rios, montanhas, florestas, favelas, friccionar as placas tectônicas para destruir o esse mundo e encontrar novas nascentes de rios com outras rotas de fuga.

Palavras chave: novos-imaginários; anticolonialidade; gênero; raça; classe; ancestralidade; imaginário coletivo; afroficções.

ABSTRACT

To imagine rivers is not only a poetic reflection on how we, racialized and dissident individuals, strive to transform the world that has been internalized within us, but also an invitation to envision other possible worlds—new escape routes, a journey backward to understand what lies ahead, a reorganization of our molecules to become new imaginaries that were deemed impossible for people like us. It is about recreating from colonial debris and moving toward the beauty that was stolen from us—turning things upside down, causing chaos, disobeying, and reclaiming our space, ancestry, rivers, mountains, forests, and favelas. It involves disrupting tectonic plates to dismantle this world and discover new river sources with alternative escape routes.

Keywords: new imaginaries; anticolonialism; gender; race; class; ancestry; collective imagination; Afrofictions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Atlântico Vermelho, Rosana Paulino (2017).....	11
Figura 2 - A Redenção de Cam, Modesto Brocos (1895).....	16
Figura 3 - A Redenção de Cam, por Mariana Sguilla (2022).....	17
Figura 4 - A costura da memória, Rosana Paulino (2019).....	19
Figura 5 - Mestiço, Candido Portinari (1934).....	22
Figura 6 - O cria, Del Nunes (2022).....	23
Figura 7 - Crochê de Quebrada, Fernanda Souza (2023).....	26
Figura 8 - Anastácia Livre, Yhuri Cruz (2019).....	34

SUMÁRIO

1 Imaginar rios.....	9
2 Introdução.....	12
3 Deixar escorrer - primeiro rio.....	20
4 Eu não vou falar nada, eu vou dar um susto neles - rio revoltoso.....	24
5 Sônia Aparecida Ventura - rio ancestral.....	29
6 Viver para além da morte - novos rios.....	32
7 Maria do Rosário Caetano - rio ancestral.....	35
8 Menino ou menina? - rios que caminham juntas.....	39
9 Conclusão.....	43
Referências.....	48

1 Imaginar rios

Na nossa cidade existem vários rios, sim, rios! Nós estamos escrevendo aqui, na cidade de São Paulo e estamos em cima de um, esses rios em São Paulo cortam a cidade por baixo, suas nascentes se decantam em outros rios que desaguam e outros e as águas se misturam e vão sendo levadas com a força dos ventos subterrâneos.

Aqui em São Paulo nós não entramos nesses rios, na verdade mal sabemos como eles são, nós andamos por cima deles, nós caminhamos, corremos, quase sempre corremos, os carros passam apressados pelas ruas e avenidas homenageadas aqui com os nomes dos maiores torturadores do nosso país Brasil, concretos pesados soterram nossos rios e são homenageados com a dor dos mesmos que ergueram essas grandes colunas coloniais, pessoas que se parecem conosco que escrevemos esse texto, obrigadas pelos colonizadores e matar tudo aquilo que vive, inclusive dentro de si.

Por conta disso nossos rios não molham, eles estão a asphaltos de distância de nossos pés, estão em estado de coma induzido, dormem um sono profundo e dilacerante.

Escrevemos isso por que de vez em quando nos propomos a fechar os olhos e juramos que é possível escutá-los, ouvimos o som das águas que antes corriam com força, agora com micromovimentos, como se bolasse uma rebelião silenciosa e secreta, se descemos mais um pouco, sentimos o frio dessa água em nossa pele, ela molhada caindo sobre nosso corpo e de repente nos vemos tomadas por esse líquido limpo e transparente e assim nos encontramos no abraço mais poderoso que pode existir, um abraço onde todas as células do nosso corpo estão sendo tocadas ao mesmo tempo, imersas nessa água que nos carrega de lá pra cá de cá pra lá...

Um dia desses na casa de minha mãe uma de minhas irmãs mais velhas tagarelava incessantemente sobre sua vida, seu trabalho, seus colegas de profissão em um domingo de descanso, enquanto sua língua estava a milhão seus olhos calmos percebia os meus distantes e completamente distraídos rodando um sossego impossível e naquele instante ela estarecida virou para minha mãe e comentou:

- Onde será que a Ariane está?
Minha mãe me olhou e com seus olhos d'água enquanto picava cebolas para o almoço, respondeu:
- Sua irmã vive a imaginar rios.

Sim, a imaginar rios, rios de mamãe oxum, rios impossíveis e profundos que bolam rotas de fuga da sua condição soterrada, que guarda vidas que não puderam viver e todo o mundo que não existiu para essas vidas, novos caminhos, novas ruas e vielas, novas favelas pensamos que imaginar rios que nos foram negados é uma forma de sabotar o destino que nos encaminharam, imaginar esses mundos que não existiriam, sem seus parasitas, esses rios nos levam para novos caminhos que não foram imaginados para o nosso corpo, criar novos imaginários imaginar rios, imagina rios?

Se eles podem criar linhas imaginárias e chamar de fronteiras não permitindo a passagem de um palmo para outro

Por que não nos imaginar além da devastação? Ser abundante e ter todas as possibilidades ao nosso alcance? Esse trabalho é sobre sermos infinitas e desaguar, é um convite a imaginar novos rios e existir como um ato de rebeldia e vontade de ação, sermos bonitas, bonitos, é um convite a beleza, ser deslumbrante e ambiciosa.

Estamos vivas.

Figura 1: Atlântico Vermelho, Rosana Paulino (2017)



Fonte: <https://ignorancietimes.com.br/rosana-paulino-atlantico-vermelho>

Acesso em 03/01/2024

2 Introdução

Ao escrever este trabalho pensei junto à Cae para quem queríamos escrever e juntas entendemos que queremos lotar uma sala da faculdade defendendo este trabalho com favelados da Zona Norte e da Zona Sul fazendo barulho, queremos olhar nos olhos de nossas famílias ali, queremos que elas entendam sobre o que estamos falando e do porquê, esse trabalho pode ser uma leitura acerca das questões sociais, raciais, de gênero e sexualidade que perpassa nossos corpos mas na verdade o que carrega nossos corações ao escrever essas páginas, é o desejo que as histórias vivam para sempre, nós pessoas racializadas tivemos o direito da narrativa roubado, o direito a ter histórias de família assassinado, o direito a ancestralidade traficado, o direito a saber de onde vem nos fora queimado mas nós não deixaremos ninguém tocar na trajetória para onde queremos ir, o que seremos eles não sabem, aproveitar da invisibilidade social para hackear seus sistemas e proferir nosso feitiço contra-colonial do seu modo de viver.

O colonialismo é uma das manchas mais tenebrosas da história da humanidade, uma brutal saga de exploração, opressão e usurpação de terras e culturas que perdura até hoje (2023) com conflitos que podemos acompanhar por exemplo como Israel e Palestina, um embate que acontece agora com uma marca colonialista e política de guerra e genocídio.

Nego Bispo, um dos maiores pensadores da atualidade ao qual tivemos a honra de ouvir em diversas palestras e rodas de conversa fala da contra-colonialidade, levanta uma voz feroz contra essa maquinação colonial. Ele ressalta que o colonialismo não foi apenas um episódio sombrio da história, mas um sistema insidioso que moldou o mundo como o conhecemos hoje, a contra-colonialidade, em seu núcleo, é uma resposta a esse sistema brutal. É uma demanda por justiça, igualdade e reparação, uma rejeição categórica das narrativas coloniais que procuram justificar a opressão e a exploração, ele usa o termo “contra-colonial” não apenas por ser quilombola e afirmar, como no encontro do intervozes de 2023 no teatro oficina “Organizar a raiva e defender a alegria” junto a Jerá Guarani, que nunca foi colonizado para ser decolonial mas também profere em palavras muito bem pensadas e estruturadas que

estamos vivendo a era da oralidade, da palavra, eles sabem escrever muito bem mas não sabem se comunicar, falar eles falam e até demais, mas não sabem se comunicar. Ao ser questionado sobre porque eles, da oralidade, estão escrevendo livros ele responde que essa é a generosidade que tem para os brancos, que escreve para ensiná-los a se comunicar.

Talvez há alguns anos atrás poderia parecer impossível dizer que estaríamos aqui escrevendo sobre nós, na Unesp? Quantos dos nossos ancestrais poderiam dizer que em alguns anos estaríamos nos formando em uma universidade pública? Num passado não muito longe esse seria um sonho um tanto quanto distante e realmente cremos que esse foi um sonho sonhado por muitas outras pessoas antes de nós. Hoje aqui somos a realização desse sonho que parecia longe mas estamos aqui para o documentar. Num país que até hoje se nutre diariamente em suas raízes coloniais, não podemos nunca esquecer da luta dos que vieram antes de nós abrindo os caminhos, aliás, uma pesquisa como essa talvez não estivesse sendo realizada se não fosse por aqueles que lutaram por um direito que busca o mínimo de reparação dentro de um país tão desigual: as cotas sociais e raciais. A política de cotas foi nos últimos anos um fator importante para que pesquisas como essa pudessem nascer dentro do espaço acadêmico, para que pudéssemos falar também sobre nós, algo novo, pouco visto antes, que gera choques ainda hoje e é importante celebrar e preservar esse direito ainda tão recente nas universidades públicas. Saudamos aqui quem veio antes porque acreditamos que alguns dos passos que nos trouxeram até o dia de hoje já foram dados anteriormente e como sugere o nome de nossa pesquisa, dentro de nós pulsa o desejo de imaginar e criar coisas novas, novas maneiras de se pensar educação, novas maneiras de se pensar a escola, novas maneiras de se pensar a forma como vivemos em sociedade. Porém, ao mesmo tempo sentimos que talvez não estejamos criando nada tão novo assim, porque esses sonhos já foram sonhados antes, agora estamos apenas retomando, com um desejo insurgente de pegar o que também é nosso.

Segundo artigo publicado em 2013 pela Folha de São Paulo, a USP nasceu em 1934 com o objetivo principal de educar filhos de políticos, advogados, engenheiros, médicos e fazendeiros de café - a elite paulista, e precisamos lembrar que essa é a raiz da fundação de todas as universidades públicas da época. Esse espaço que estamos aqui ocupando hoje foi criado para os filhos deles, nunca para os nossos. E hoje, mesmo com a política de cotas entrando em vigor nos últimos anos, as universidades públicas ainda são frequentadas em sua maioria pelos filhos da elite. Estudando no Instituto de Artes da Unesp, podemos perceber que os filhos da classe trabalhadora se encontram geralmente do outro lado do metrô Barra Funda, na Uninove, onde o ensino privado é uma realidade muito mais possível do que o processo elitista que é o vestibular realizado para ingresso nas faculdades públicas.

O desconforto que o mundo colonial tem gerado em corpos como os nossos que desviam de suas normas parecem diários e tem dias que chegam a ser quase que insuportáveis. Mas já que adentramos esse espaço que não foi pensado para nós, optamos por escrever sobre a gente, sobre quem veio antes, vivos e mortos. É hora de documentar rios que ainda não foram vistos, mas que existem há milhares de anos.

Cremos que nós, corpos dissidentes, podemos produzir uma pesquisa sobre qualquer assunto com excelência: moda, esporte, tecnologia, cinema, teatro, artes visuais, saúde, educação ou seja o que for. Somos completamente capazes de falar de qualquer um desses temas com maestria, aliás, nosso conhecimento ultrapassa as nossas vivências e não queremos que nos resumem a elas. Porém, se dentro do espaço acadêmico optamos por resgatar a nossa história é justamente porque ela pode sim somar com os nossos conhecimentos e lembrar que dentro dessa estrutura em que vivemos nem todos são bem vindos e isso não deve mais ser um silêncio, precisamos mudar as narrativas. Nosso país tem o costume de adotar alguns discursos mitológicos, como a meritocracia, a igualdade de gênero e a democracia racial, e em meio a tantos mitos, acho que é por isso que fazemos autoetnografia, escrevemos para evidenciar a grande diferença histórica e cultural que nos separa e o que estamos atrás de mover no mundo hoje para construirmos um futuro outro, possível para todos os corpos.

Dentro do espaço acadêmico a maioria das nossas referências de estudos ainda são os homens brancos de grande poder aquisitivo, heterossexuais e cisgêneros, muitos inclusive fazem parte do nosso corpo docente. Entendo que existam muitas pesquisas produzidas por eles que envolvem gênero, classe, raça e outros assuntos em que evidenciam uma estrutura desigual que só existe porque é perpetuada a anos por corpos semelhantes aos deles. Reconheço que muitos tentam fazer uma pesquisa justa e honesta, mas na maioria desses trabalhos podemos encontrar alguns equívocos. E a provocação que queremos chegar aqui com esse raciocínio é: se ao longo de todos esses anos a maioria das pessoas pobres, racializadas, trans e travestis estavam distantes do espaço acadêmico, a partir de quais perspectivas foram escritas as suas histórias?

Fomos ensinadas na escola a ver a Princesa Isabel como salvadora da população preta, os povos originários como povos menos civilizados que nós e a colonização portuguesa como algo positivo em nossa história. A partir de que perspectiva estão contando as histórias mesmo?

A luta contra o colonialismo é uma jornada contínua que exige o desafio de fissurar as estruturas de poder que ainda perpetuam a colonialidade em nossas vidas e a contra-

colonialidade é uma exigência moral, um compromisso inabalável de construir um mundo onde possamos existir para além da mentira colonial que nos introjetaram.

Não é possível mais estar interligades com o mundo sem estar reclamando a terra, as mãos que constroem esse país são os grandes pilares do entendimento e restituição do mundo no qual vivemos.

Acabar com o mundo que conhecemos ou adiar o seu fim? Esse questionamento passou muitas vezes pelas nossas mentes, pois, sentimos muita vontade de ver a queda desse mundo branco, masculino, cisgênero regrado por regras castradoras. Quando entramos em contato com o livro “O retorno da terra” de Daniela Fernandes Alarcom pensamos na ideia que nos sugere da retomada, aliás, esse mundo também é nosso, deveria ser, na verdade não diria que é nosso, não sentimos que temos poder algum em relação ao mundo, não sentimos que ele nos pertence e muitas vezes, nem que nós pertencemos a ele. Essa língua que nos foi delegada - que muitas vezes nós não nos reconhecemos -, essas palavras que usamos para nos comunicar com vocês não são exatamente as que gostaríamos de usar para dizer o que temos a dizer, sentimos que não existem palavras nessa língua, que nos foi imposta, para dizer de fato tudo o que vimos elaborando ao nos ver nesse mundo que ajudamos a construir. Mas toda sua concepção está na mão dos poderosos, e nós, esses pequenos corpos de cinquenta quilos, escrevendo de um lugar que nem o grande poderoso google tem imagens em seu mapa, nos dá a dimensão da nossa pequenez em relação a ele. Adiar o seu fim ou ver os principais parasitas que fizeram isso com o mundo se acabando junto a nós?

A ideia de adiar o fim do mundo vem de Ailton Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” quando perguntam para Krenak, quais seriam essas ideias ele questiona, “Por que vocês querem adiar seu fim? Deixe acabar!”

Dominando a língua de nossos colonizadores para, junto a Audre Lorde, amaldiçoá-los com nossas palavras, mesmo que sua voz ecoe no fundo de nossas mentes. Nós não iremos escutá-la, não iremos, silenciar o seu português claro e bem proferido contando histórias de um mundo que eles sabem muito que pensaram muito e o projetaram para ser perfeitamente confortável para si mesmos; eles criaram suas próprias cotas em cima de todo um projeto político de morte; uma política de genocídio planejada para que esse mundo os favoreça em todos os quesitos pensáveis; um mundo na sua língua que não nos ama e que também não amamos. Vomitaram suas mentiras em nossas escolas, intoxicaram nossos livros com suas tragédias, manipularam nossas imagens com seus imaginários que não conseguem olhar dois centímetros abaixo do próprio umbigo

Figura 2 - A Redenção de Cam, Modesto Brocos (1895)



Fonte: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>

Acesso em 03/01/2024

Figura 3 - A Redenção de Cam, por Mariana Sguilla (2022)

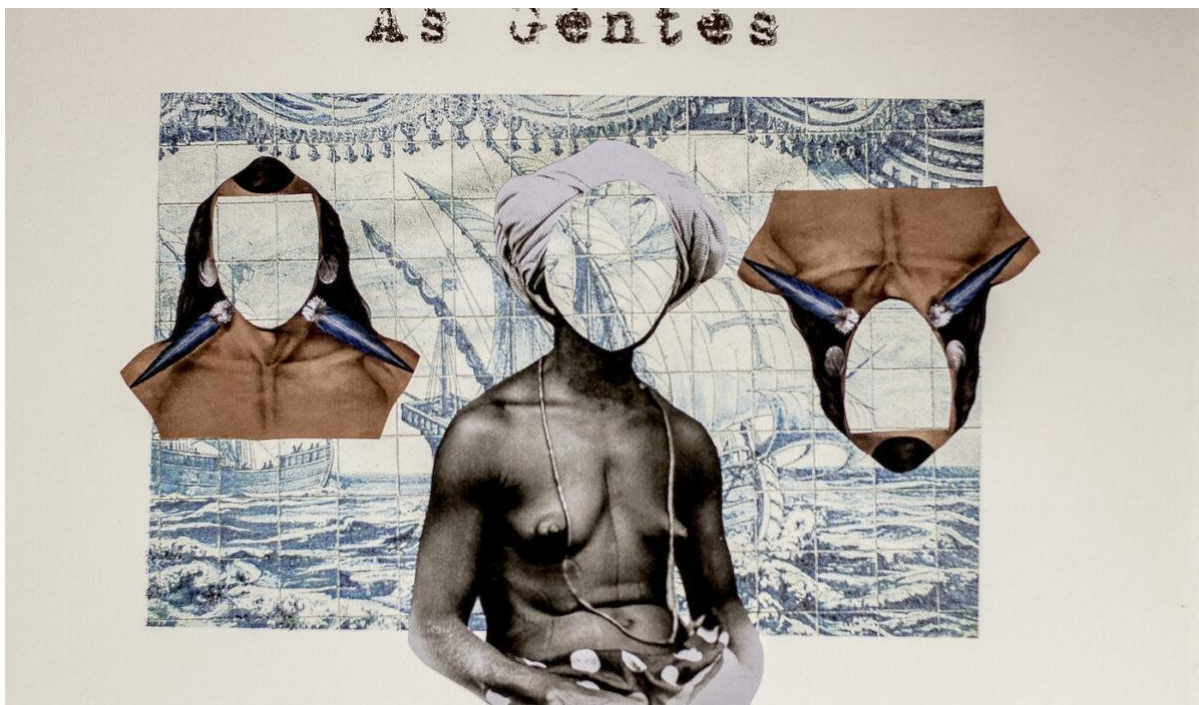


Fonte: <https://www.sescsp.org.br/descolonizando-o-pensamento-releitura-de-arte/>
Acesso em 03/01/2024

Não cederemos, iremos brotar do solo infértil que eles nos deixaram e faremos de tudo para que a cada palavra, gesto e articulação sejam sentidas por eles como pontadas nas costas; para cada passo que damos em meio às ruas da cidade, eles se contorçam e se jam cada vez mais desconfortável existir no seu projeto-mundus. Eles serão obrigados a nos olhar nos olhos pois nossas cabeças permaneceram erguidas; eles serão obrigados a sentir nossos cabelos armados encostando em suas peles alvas ao nos aproximarmos, e terão vergonha ao nos encarar com o nosso tamanho porque perceberão que somos lindas, incrivelmente lindos, uma beleza descomunal. Temos uma inteireza bela indescrita pelo seu português, gigantes fluorescentes e milenares, estamos em tudo. Seus projetos não foram bem executados pois ainda assim nos levantamos, eles são obrigados a nos enxergar por que estamos de pé, porque falamos coisas que, não, eles não entendem e se incomodam. Nos organizamos de formas que eles não imaginam, traçamos rotas que eles nem sabiam que existiam. Transformamos seus objetos em outros, usamos de outra forma e outra e outra, criamos a nossa; nossa tecnologia sobreviveu ao passar de todos os anos. Nos enraizamos umas nas outras para quando eles erguerem suas vozes, nosso ecoar se sobressalte com sussurros de todas as que estão aqui fazendo com que esse mundo gire e gire e gire.

Somos o início e o fim, eles não nos conhecem, guardamos segredos da existência, da subversão, da alquimia, do encantamento e das passagens do tempo. Quem somos nós?

Figura 4 - A costura da memória, Rosana Paulino (2019)



Fonte: <https://www.facebook.com/PinacotecaSP/photos/a.119435761411014/2224820954205807/?type=3>

Acesso em 03/01/2024

3 Deixar escorrer - primeiro rio

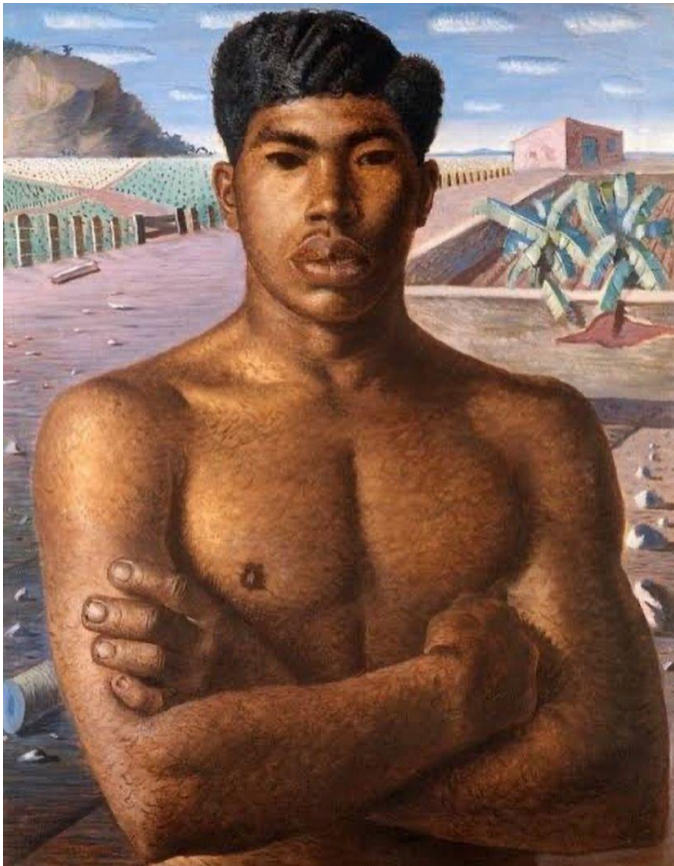
Sendo contemplada pela lei de fomento, a coletivA ocupação, cia de teatro a qual eu faço parte, estava tendo uma formação com diversas artistas de diversas linguagens e pensamentos para a formação e pesquisa pessoal do grupo, um dia tivemos Linga Acácio, uma travesti chiquérrima com uma pesquisa profunda e potente sobre AIDS, audiovisual, direção de arte, fotografia e artes visuais, em roda ela apresentou para nós um livro que viria a ser um dos meus maiores acontecimentos do ano- Olhos d'água, de Conceição Evaristo. Em olhos d'água, Conceição narra diversos contos transpassados pela sua escrevivência que são tão lindos e potentes quanto tristes e difusos, uma escrita muito especial e transformadora, nesse dia lemos o primeiro texto que dá nome ao livro, o meu texto fa vorito, nesse primeiro conto ela conta como um questionamento começa a virar sua vida de ponta cabeça, a impossibilidade de lembrar os olhos de sua própria mãe, ela narra como lembra de coisas específicas do corpo da mãe, dos cabelos, da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo, de sua verruga na cabeça mas da cor de seus olhos não, ela nos transporta a sua infância lembrando da chuva no seu barraco, da fome no jantar, das brincadeiras entre sua mãe e suas irmãs, até um momento que sua culpa e seu desespero é tão grande que ela viaja de volta a cidade onde cresceu para fixar o olhar no de sua mãe e nunca mais esquecer da cor de seus olhos, e quando ela chega, sabe o que ela vê? Sabe o que ela vê? Apenas lágrimas e mais lágrimas, rios caudalosos, águas de mamãe Oxum.

Ao ler e reler esse texto diversas vezes para mim mesma, recebi minha mãe aqui em casa um dia desses, e decidi compartilhar o texto que tanto mexia comigo, li para ela. Já leu para sua mãe? Por um segundo parece que o fio que corta o passado o presente e o futuro é rompido, ao ler para minha mãe senti que atravesssei os tempos, brinquei com as regras da existência, li para minha mãe, e ela sempre tão agitada e falante apenas sentou e escutou, cada palavra, minha mãe ouviu cada letra cada pausa para retomar o fôlego, ouviu meus sentimentos proferidos em palavras que não eram minhas, mas por alguns segundos tive a sensação que ela sentiu que era. Ao terminar minha leitura, ficamos em silêncio, olhando nos olhos uma da outra e nesse momento tive a certeza de que nunca compartilhei um momento mais profundo nesse mundo junto de minha mãe, seus olhos brilhavam quase marejados, e acredito que os meus também, tivemos a certeza da impossibilidade de esquecer uma os olhos da outra, inclusive os olhos são nosso traço mais parecido, pequenos olhos escuros levemente puxados a ponto de quando gargalhamos uma com a outra nossos olhos se cerram pela sua miudeza, viramos cabeças sem olhos apenas com largas bocas que riem e riem.

Quando finalmente proferimos uma palavra minha mãe me contou de sua emoção ao escutar o conto, lembrou da vida no interior de São Paulo, me contou dos colchões de palha de milho que pinicavam seu corpo, me contou de dona Maria, sua avó, minha bisavó, de sua pele escura e seus cabelos lisos e grossos, de suas comidas feitas das coisas que tinham em que nasciam de suas mãos ao tocarem a terra, me contou de seu Ventura, seu avô, meu bisavô, um homem preto da cor do noite com dentes de cristais felizes e solares, carinhoso, sensível que trazia doces para ela e seus irmãos, sobre o pão com mortadela que deixava de comer no trabalho para que elas sentissem um sabor diferente toda semana, me contou sobre dona Sônia, minha avó, lembro de morrer de medo de minha avó na infância, minha mãe contou a

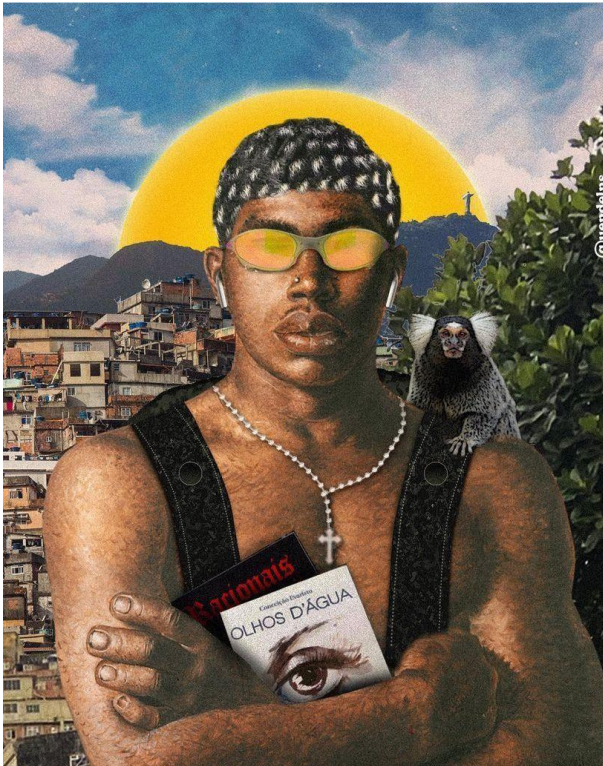
história de como fomos parar num barraco na favela do extremo norte de São Paulo, o Jardim Elisa Maria. Ler olhos d'água pra minha mãe foi um disparador de histórias nunca ditas antes, em um certo momento minha mãe me perguntou "O que será de tudo isso quando eu morrer Lili? O que será dessas histórias, você é a única da família que sabe tanto das coisas".

Figura 5 - Mestiço, Candido Portinari (1934)



Fonte: <https://diplomatique.org.br/a-mesticagem-a-partir-de-portinari/> Acesso em 03/01/2024

Figura 6 - O cria, Del Nunes (2022)



Fonte: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/artista-periferico-recria-historia-negra-atraves-da-colagem.455221b7c746e21c734b0d409773ce0fr8urlre5.html>

Acesso em 03/01/2024

4 Eu não vou falar nada, eu vou dar um susto neles - rio revoltoso

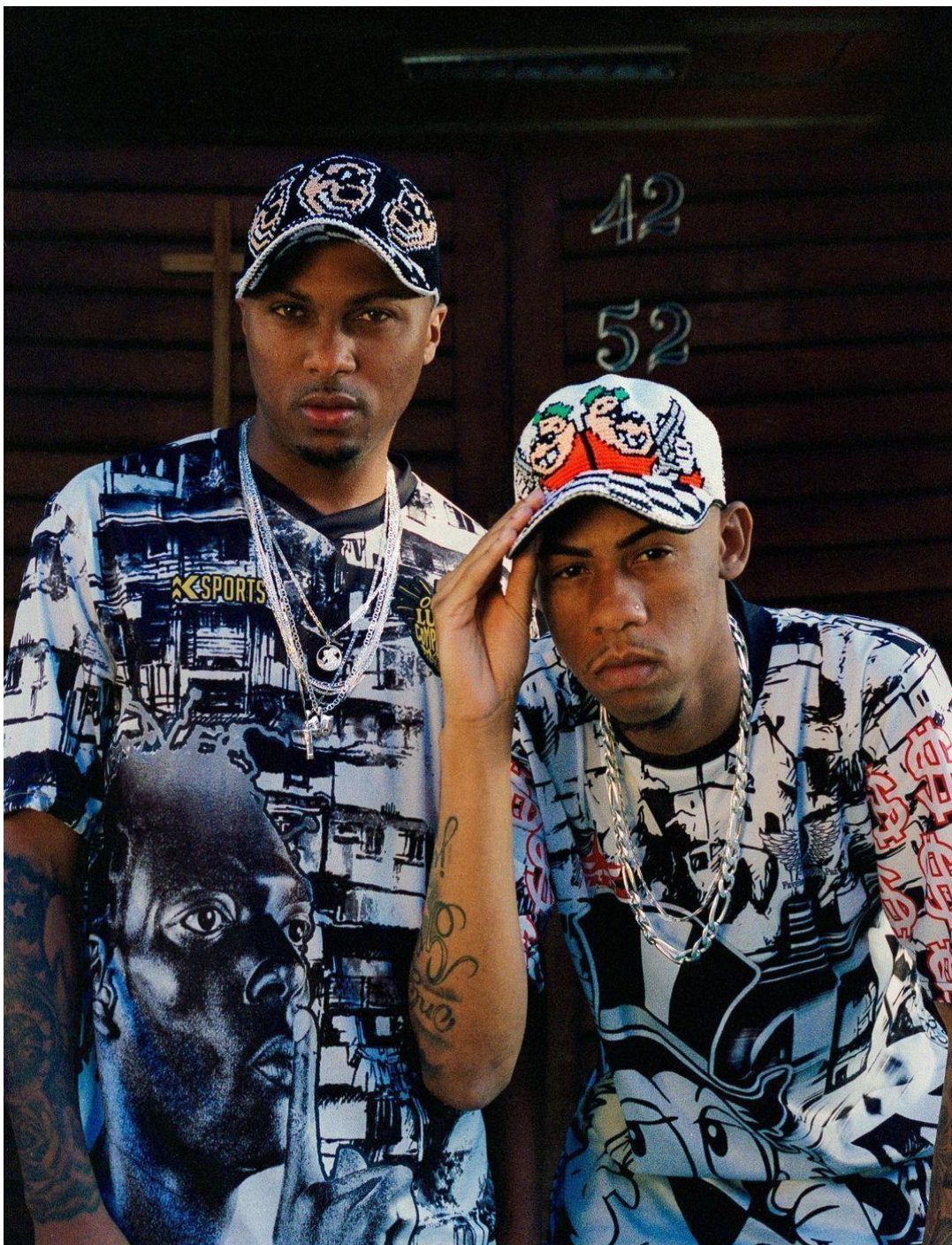
Foi com a frase que dá nome a este capítulo que Ailton Krenak diz ter pensado o seu discurso na Plenária de 1987 em Brasília em defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas. A ideia de chegar no susto é um bom caminho para corpos que já nasceram em exílio, corpos que se acostumaram a ver suas demandas ignoradas e negligenciadas constantemente, com a marginalização atravessando o seu corpo e a sua história até antes mesmo de seu nascimento. Por isso, às vezes me pergunto: se eu não fosse eu, quem eu seria? Porque não é como se eu tivesse alguma opção de escolha de falar das coisas que aqui falo ou de escrever as coisas que hoje aqui escrevo. É como se todas essas coisas já tivessem nascido comigo e antes mesmo de eu descobrir isso o mundo já tivesse me contado, muitas vezes de uma forma violenta. Lembro da minha passagem pelo EMEI, eu tinha aproximadamente 4 anos de idade e mesmo assim fui exposto aos mais diversos tipos de violência que uma criança poderia passar, era como se fosse a herança do mundo colonial dizendo pra mim: você é diferente aqui, se adapte ou sinta o desconforto que iremos te causar durante todos os dias da sua vida. E confirmo aqui, o desconforto de estar na minha pele é realmente quase diário. Ai que eu me questiono se vale a pena se adaptar a esse mundo- resultado ou não. Quando escrevo aqui mundo-resultado busco reforçar que o mundo tal qual conhecemos hoje é um fruto puro dos processos de colonização, escravização e perseguição dos corpos vistos como dissidentes, aqueles que “deram errado” e desviaram da ideia do homem universal, branco, cis, heterossexual, macho. Quanto mais longe dele você está, mais próximo você está da desumanização nesse mundo-resultado. Será que é a esse mundo que queremos nos adaptar ou será que queremos criar coisas novas? E como seria possível criar coisas novas reproduzindo padrões antigos? Talvez não seja. Talvez seja a hora de criar outros códigos e outras possibilidades para ver o que pode nascer.

Bater na porta ou arrombar a porta? Se adaptar a estrutura ou subverter a estrutura?

Penso que como educadores estamos sujeitos a estarmos na maioria das vezes inseridos dentro de uma estrutura que não acreditamos parcialmente, às vezes não acreditamos nada, e aí essas perguntas acima rondam nossa cabeça. Lembro que durante muito tempo da minha vida eu tentei me adaptar aos lugares em que eu estava, principalmente quando mais novo, até porque dentro de uma escola ninguém quer ser o aluno excluído, o que não tem

amigos, o que está no topo da lista de mais feios da turma. Todo mundo ali está buscando se encaixar em algo, em um grupo, se sentir pertencente. A colonialidade desde cedo tenta te fazer odiar suas origens, traços, trejeitos, cabelo, cultura, referências, a si próprio quando percebe a sua distância do grupo dominante. Curiosamente, só consegui me livrar desse lugar de auto-ódio que me foi gerado na escola, dentro das salas de aulas dos cursinhos populares que passei. Lembro de possuir muitos educadores periféricos e da comunidade LGBTQIA+ nesse período e eles não pareciam ter vergonha nenhuma de quem eram, pelo contrário, eles levavam toda essa bagagem pessoal para sala de aula e foi ali que eu entendi que o espaço formativo também poderia ser para um corpo como o meu. Hoje em todos lugares que eu vou, faço questão de estampar de onde eu sou, Jardim Selma, rua 7, zona sul, periferia de São Paulo. Faço questão que dentro do ambiente que for, eles não tenham dúvida de onde eu vim e de quem eu sou, bicha mesmo, não quero mais esconder nada como eu escondia quando mais jovem, agora sou eu que quero dar um susto neles. Mas às vezes são eles que me assustam. Esse ano mesmo, enquanto eu estagiava em uma escola particular aqui na zona sul de São Paulo eu vestia uma camiseta muito comum de se ver nas periferias paulistanas e hoje em dia muito associada ao estilo mandrake, porém acabei ouvindo de um colega estagiário a respeito da minha vestimenta: "se eu fosse você não viria trabalhar com essa camiseta, não é por nada não, mas é que alguns pais são preconceituosos". Não esperava ouvir isso dentro de uma escola que se vende como tão acolhedora entre seus estudantes e funcionários e esse comentário acabou me deixando muito mal porque além de não ter sido solicitada a opinião deste colega sobre minha roupa, mesmo que sem perceber ele estava me dizendo que eu teria que me adaptar a aquele ambiente, que ali eu era o inadequado. Novamente.

Figura 7 - Crochê de Quebrada, Fernanda Souza (2023)



Fonte: https://www.instagram.com/p/COljRxMHKIS/?img_index=1

Acesso em 03/01/2024

Gosto de lembrar do caráter subversivo que deu origem ao movimento hip-hop há 50 anos atrás. Se eles não nos enxergam, porque não grafitamos por aí os nossos nomes nos caminhões e parques? Se não podemos atravessar a cidade, porque não pintamos os trens durante a noite para que nossas mensagens possam ecoar para a cidade inteira durante o dia?

Se antes era nosso corpo que ficava desconfortável ao ponto de se adaptar, agora não se adaptando podemos transferir esse desconforto também para quem os criou. Se minhas roupas, linguagem, sons e referências te incomodam, porque eu me adaptaria a você? Passo número um para decolonizar-se: questionar-se. Sobre tudo. E sobre todes.

- por quê a forma como eu falo é errada?
- por que seu conhecimento vale mais que o meu?
- por quê a forma que eu me visto não é a adequada?
- por quê o seu Deus existe e o meu não?
- por quê eu tenho que comer de garfo e faca?
- quem criou essas regras e por que?
- por quê? por quê? por quê?

Tenho anotado em meu caderno escritos de Grada Kilomba falando sobre o ambiente acadêmico desde meu segundo ano da graduação e eles me fazem muito sentido dentro desse espaço. Lembro de uma colega que compartilhou conosco o desejo de realizar uma pesquisa de iniciação científica, sendo assim procurou um orientador e foi conversar com ele a respeito de suas ideias para o projeto, porém ao contar tudo que havia pensado a ele teve de ouvir: “a pesquisa tem que ser menos militância e mais científica”, ao contar que sua linha de pesquisa iria ser fortemente impactada pelo fato dela ser uma mulher racializada. Novamente o sentimento de inadequação no espaço. Um sentimento de que ele não foi feito pra você. E realmente não foi, estamos ocupando. Vivemos até hoje numa hegemonia europeia de saberes, cultura, poder, política e até mesmo linguística. E agora que estamos adentrando esses espaços é preciso criar outros códigos que eles talvez não entendam, mas uma hora ou outra irão ter que buscar entender. Não quero mais me adaptar como antes, mas quero que agora eles aprendam também a falar a nossa língua, assim como eu tive de aprender todos os seus códigos desde o dia em que nasci.

Cêvo cenheco a gualín do Ttk? Adacri no totuiin de girfu da sãopresre e rasucen terandu a radutadi vilci-tarlimi na dacadé de tasenses no robair do Teteca, na talpica carioca, é até jêho tomui dazaliuti lospe resdoramô do robair e zasedonre, temenralge por posgru vossiversub que têmman a ratucul vavi doquan remque carnimuco goal que não vede ser do tomencinheco ralge. Traou gualin que ceunas no silbra é o bájupa que terandu nosa geutepro a dedanimuco tивestra doquan a çãoguisseper alcilipo era mumco na talpica talispau, era mumco virou: “Mona erê aquenda os ojus, se os alibans cosicarem no corre cosica as endacas pras monas acá deaquendarem.” A gualín é veltámu, vavi. E se raago lese remque nos dertenen, rãote bémтам que nos dartues!

Tradução: Você conhece a língua do Ktt? Criada no intuito de fugir da repressão e censura durante a ditadura civil-militar na década de sessenta no bairro do Catete, na capital carioca, é até hoje muito utilizada pelos moradores do bairro e redondezas, geralmente por grupos subversivos que mantêm a cultura viva quando querem comunicar algo que não deve ser do conhecimento geral. Outra língua que nasceu no Brasil é o pajubá que durante anos protegeu a comunidade travesti quando a perseguição policial era comum na capital paulista, era comum ouvir: “Novinha, fica de olho. Se os policiais entrarem no ônibus, avise para a gente sumir”. A língua é mutável, viva. E se agora eles querem nos entender, terão também que nos estudar!

5 Sônia Aparecida Ventura - rio ancestral

Carta número 1- à minha avó.

*A vó era tão grande
 A vó era enorme
 Ela tinha o tamanho de 3 planeta Terra
 E dava pra enfiar mais um Plutão,
 Quem dera
 E não só de tamanho a vó era grande
 Ela comia gente
 É verdade, minha mãe me contou
 É que quando eu nasci ela já era diferente
 A mais clarinha da família
 Com o cabelo quaaaaaaaaaaaaase bom
 Até talquinho no pompom ela passou
 Mas cê acha que a bruxona descansou?
 Minha mãe falou que antigamente
 Do ooooooutro lado do alphavela
 Tinha um barraco que ela invadiu
 Não, invadiu não,
 Ocupou!
 É
 verdade
 Deus e o mundo ela desafio
 Mas do meu barraco não!
 Não arrego
 Deus, era o homem maaaaaaais perigoso na época
 Anos 60,70?
 Uma dessas era*

*E o mundo, era os parceiros
 Parceiro perigoso,
 Urubus
 Ficava de olho nas carniça fudida que pairava os barracão
 E a Vó contida com seis de 10 da família*

*Fazendo oração
 No meu barraco não!
 Mas teve um dia que não teve jeito
 Podia ir viatura, prefeito
 Deus chegou no barraco e pegou a véia de jeito
 Olhou pros seus cabelo liso caído
 E os fios crespos nascendo
 4 criança no chão
 E dois no peito
 E foi embora mas não ia ficar por assim
 Ia voltar e dessa vez queria o din
 desgranhenta de sortuda a véia
 Deus prometeu e prometeu mas não fez nada
 pegou piedade da situação,
 Dizem que Deus nunca mais voltou pra aquela terra desde então.*

Sempre tive medo de minha avó, não consigo elaborar exatamente o porquê, ela era um mulher gigante e morreu quando eu ainda era criança, de minha avó lembro de uma blusa verde limão que usava, me lembro disso pois achava que ela ficava muito bonita de verde, lembro de seu rosto que era igualzinho ao de minha mãe, apenas com algumas verruguinhas pequenas verruguinhas nas laterais de sua face, lembro de seu cabelo alisado preto e sua raiz branca e crespa como algodão e me lembro muito bem do dia de sua morte.

Era um dia quente no cemitério da Cachoeirinha, zona norte de São Paulo em 2009, eu nem cheguei a completar 8 anos, lembro de um tristeza profunda instaurada em minha família, que é geralmente tão barulhenta e expansiva, nesse dia parecíamos sérios e contidos, lembro de poucas coisas, eu nem cheguei a completar 8 anos, lembro de seus últimos dias hospitalizada com uma sonda na garganta, lembro de ter medo de vê-la no caixão e ter um buraco em sua garganta que me engolissem junto a ela mas do que minha avó morreu mesmo? Ah sim, bem lembrado.

Minha avó, Sonia Maria Ventura, morreu de tristeza, sim, de tristeza.

Minha avó era enorme. Minha avó teve 10 filhos e filhas. Eu tive uma mãe e nove tios e tias. Eu tive uma mãe e 5 tios e tias e meios. Eu tive meio tio chamado William. A vó Sônia morreu de tristeza. Numa manhã a avó esperava meu tio William chegar em casa para o café da manhã, o menino passou a noite fora e chegava em casa esfomeado. Quarta-feira dia de feira, melhor café da manhã, além de pão com margarina e café passado, tinha fruta e fruta no barraco. Sentada na cadeira o tic tac do relógio. As horas corriam como balas na madrugada.

Tio William não voltava. O café esfriou na panela do fogão. Tio William não chegava. Terminou o sol e terminou a lua. Tio William não voltava. Os dias foram passando as frutas estragando. Quantas horas de espera são necessárias para o coração da gente sucumbir? O baile de domingo aconteceu como o esperado. William não voltava. Uma hora vó Sônia não aguentava mais os sóis subindo as luas descendo, à espera da polícia para procurar um homem preto, “Tenho de fazer por mim mesma” vó Sônia pensara. Uma foto na lan house, 1\$ a impressão. De porta em porta, de portão em portão, “A senhora viu meu filho?” Tio William não voltava. Vó Sônia já nem era mais reconhecível, seu olhar era rasteiro, nunca mais a vi de blusa verde limão, não. Tio William não voltava. Um dia de porta em porta, de portão em portão, numa padaria uma atendente apareceu, viu sim o menino da foto lembra-se bem dos seus olhos, olhos puxados miúdos que se o visse rindo seria apenas uma cabeça com dentes largos a gargalhar pois perdera os olhos para sua miudeza, viu sim o menino mas não era bem daquele jeito não, ele era branco! Minha avó não acreditara, seu filho não era branco não podia ser o menino William. Sim era ele! Mas era branco, tinha certeza do menino. Horas depois a notícia se confirma. William foi encontrado atrás de uma caçamba de lixo depois de muitos dias. A atendente que chegava cedo para o trabalho viu o IML tirando o corpo, olhou nos olhos do cadáver, era tio William a muitos dias desaparecido, morto, atrás da caçamba, sem sangue, sem cor, sem nada, branco, apenas branco, frio e sem vida. Tio William foi enterrado como indigente.

Vó Sônia nunca mais foi a mesma, um silêncio profundo e uma dor irreparável. William morreu. Ela morreu junto. Alguns anos depois seu corpo se foi também.

Vó Sônia era macumbeira, verdade, poucas pessoas da minha família sabem mas é verdade, minha mãe me contou, lembro que no dia de seu enterro cantávamos Regis Danese, música evangélica para homenageá-la e um cheiro de carvão começou a subir enquanto cantávamos, o cheiro de fogo era eu! Uma vela começou a incendiar o meu cabelo enquanto proferia a música e logo fui socorrida, foi o primeiro momento em que voltamos a rir.

6 Viver para além da morte - novos rios

Cresci com a morte lado a lado, fui a mais funerais na minha adolescência do que nas tão sonhadas festas das meninas ao completar seus quinze anos, a morte não só me olha nos olhos como também está ao meu lado mesmo quando não está.

Minha mãe sempre tratou a morte com muita naturalidade, morrer parecia ser muito fácil para mim na infância, viver parecia ser a tarefa mais complexa que iria enfrentar. Penso em como minha avó andou com a morte ao seu lado desde o seu nascimento e me pergunto, como não desencantar tendo a morte dos meus dormindo ao lado direito da cama? Como imaginar rios onde esses corpos estão nadando sorridentes, coloridos e não boiando sem cor? Construir novas rotas de fuga para as águas caírem em nascentes limpas e proliferar vida ao mesmo tempo em que o corpo de meus ancestrais se encontram no fundo do oceano tem sido a maior ousadia que juntas estamos criando para existir, grupos como as *mães de maio* são nossas pioneiras para confabular a vida nos territórios mais inférteis, a luta coletiva se expressa como uma grande teia tecida por coragem e rebeldia para que possamos responder para além da nossa morte, o nosso desencanto de alma e de corpo, no movimento secundarista pude experimentar o que é poder transformar a dor em um sentimento coletivo e encontrar junto de colegas as possibilidades de cura e acolhimento da raiva e do desencanto, juntas criamos novas tecnologias antigas ancestrais para driblar a incapacidade de reagir perante aos desafios de existir num corpo e numa classe, poder transformar, por exemplo, tanta dor e trauma que o movimento secundarista foi em uma peça de teatro para nós e para outres estudantes é uma forma de sacanagem, sacanear a máquina mortífera que nos engole e dar espaço a táticas criadas com o poder da comunidade, a força da beleza, o olhar repousado em outro olhar.

Após a morte de meu primo Paulo, em 2020, minha família se transformou. Ele tinha feito 23 anos em Abril, morreu no primeiro domingo de maio, morreu no dia das mães. Mais um funeral de minha família, nosso último até então, porém minha família não agiu como de costume, depois do acontecimento da morte do Paulinho minha família se juntou cada dia mais, nossos

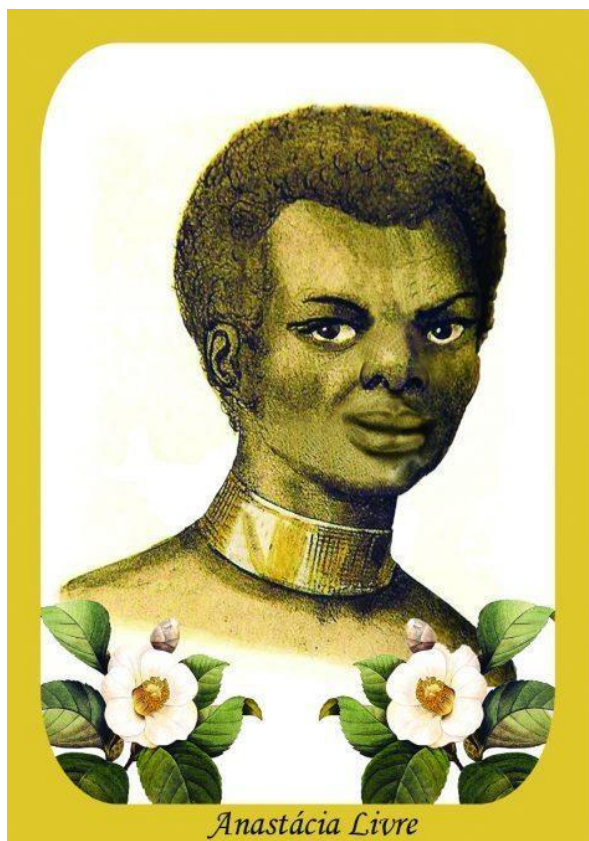
encontros coletivos que aconteciam apenas em momentos muito especiais começaram a ficar frequentes, mensais, semanais, qualquer coisa era motivo para assar um frango e ir para a casa de minha mãe, qualquer data livre na agenda era motivo para enfiarmos nossas coisas na mochila e pegarmos o último ônibus da rodoviária para o Rio de Janeiro, nunca precisamos tanto umas das outras, nossos olhares criavam alianças sagradas nunca proferidas, nossa necessidade de viver e nos mantermos vivas caía sobre nós como um sopro de luz-negra que revelava o nosso amor uns pelos outros, e nossa aliança sanguínea eterna que faria nos fazia se encontrar na dor, e nesse encontro, subverter nossos próprios destinos, lutar coletivamente, estar e viver em comunidade, nós não sabíamos mas isso iria salvar nossas próprias almas. No livro “The active life”, Parker Palmer afirma que: “...apenas se estivermos em comunhão com nós mesmos poderemos encontrar a comunidade com os outros.”

Discordo completamente dessa afirmação, é junto a comunidade que encontramos a comunhão com nós mesmos, antes de me amar fui muito amada- pela minha mãe, meus parentes, minhas professoras e professores, educadores de teatro, da dança, minhas amigas e meus amigos, a partir do amor dessas pessoas foi que consegui me olhar nas águas amorosas de mamãe Oxum e amar o que estava lá.

Favelas, quilombos, aldeias, assentamentos- a comunidade é uma benção para quem pode experienciá-la com uma ética amorosa, não retiro a responsabilidade de, em comunidade, também reproduzirmos as opressões que a herança colonial nos reservou, entretanto, apenas em comunidade podemos curar essas rachaduras tão grandes que abalam o alicerce do amor, precisamos coletivamente nos engajar dentro das comunidades que fazemos parte para combater as doenças sociais que introjetam em nós, estar comprometido com uma ética amorosa é também nunca se abster de violências proferidas contra aquelas com quem dividimos as dores, os territórios, os talheres, as avenidas, a água encanada, o mergulho do olhar, e digo mais, não apenas re-agir ao que está dado mas também agir para que as violências não aconteçam.

Tudo o que escrevo aqui é realmente um convite a um exercício de imaginação, sei de todas as impossibilidades para que nós, corpos marginais e dissidentes com tão pouco poder faça um serviço que deveria ser do Estado, subverta 500 anos de violências e abusos sofridos, porém, aqui estamos a criar novos imaginar- rios, que sigam outros ventos, que encontrem novas marés, e que faça o que está no seu alcance para que nós não afundemos, que faça o que estiver ao seu alcance para que nossos corpos voltem a ter cor e não perder o sangue nos tornando brancos, frios e sem vida.

Figura 8 - Anastácia Livre, Yhuri Cruz (2019)



Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta** te tornou superior, **conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil **a quem luta por dignidade**.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

Fonte: <https://projetoafro.com/artista/yhuri-cruz/> Acesso em:

03/01/2024

7 Maria do Rosário Caetano - rio ancestral

Minha vó é a pessoa que mais amo no mundo. Para quem não a conhece, sugiro aqui que façam um exercício de imaginação da mesma comigo: uma senhora de 78 anos, branca, baixinha, 35kg, cabelo curto, castanho claro, nariz comprido, algumas (várias) manchas marrom na pele, pelancas nos braços e algumas marcas de expressão generosas no rosto assim como a maioria das senhoras da sua idade. Um dia desses eu até vi ela na Unesp...

Mas enfim, voltando do começo! Minha vó é a pessoa que mais amo no mundo e aprendi muito com ela durante meus 24 anos de vida. Amo a ouvir falando sobre seu passado, mesmo

isso sendo uma coisa rara de acontecer, já que ela sempre preferiu olhar para frente e focar mais no presente, ela não curte muito de falar de passado.

Esses dias recebendo uma amiga aqui em casa ela disse que nunca pensou em voltar para sua terra natal: Bananeiras, na Paraíba, porque as lembranças que ela possui envolvem tanta dor que é um lugar que ela não vê a mínima possibilidade de volta, nem ao menos para uma visita. E sempre que ela fala da fome, dói. Dói em mim e dói nela também.

Ela diz que nunca mais quer voltar para roça e foi por isso que ela veio pra São Paulo ainda com 16 anos, atrás de uma melhoria de vida e por aqui ficou. Até hoje quando ela me conta algumas de suas histórias de quando trabalhava como empregada doméstica vejo que algumas violências que também passou em terras paulistanas foram tão naturalizadas naquela época que até hoje passam despercebidas por ela quando me conta.

Segundo ela, quando foi trabalhar em casa de família, seu pai a colocou na responsabilidade da sua patroa e agora tudo que ela fosse fazer, tinha que passar pela permissão de sua patroa antes, até mesmo um início de namoro. Ela me diz que quando arrumou um namorado em São Paulo, teve que pedir permissão de sua patroa pra levar o caso adiante ou não. Se antes o corpo dela de mulher era propriedade do pai, agora ele era propriedade da patroa, que dali em diante iria decidir o que ela iria comer, vestir, horários de chegada, saída, o lugar onde iria dormir e até mesmo com quem ela poderia se relacionar.

E eu juro que um dia eu vi a minha vó ali na Unesp, trabalhando, com um uniforme azul, ali próximo ao banheiro. Baixinha, pequenininha, magrinha, não tinha como não ser minha avó. Então logo puxei assunto com ela e com a amiga dela que estava ali trabalhando também e de primeira elas não me deram muita bola, acho que porque essa não é uma situação cotidiana ali dentro daquela universidade. Mas nesse dia podemos conversar um pouco, elas elogiaram meu cabelo, meu corpo e disseram que minhas pernas eram lindas. Eu retribui o elogio e então elas me perguntaram se eu fazia academia, eu disse que não, as pernas grandes é genética mesmo. Conversamos por mais um tempo e rimos. Essa mesma situação se repetiu algumas vezes, paramos ali perto do banheiro, conversamos rapidamente, damos risada e logo eu tenho que voltar pra aula e elas pro trabalho.

Algumas vezes depois disso nos encontramos trabalhando juntos durante a realização do vestibular, no qual eu ajudo na organização sempre que me chamam e no ano de 2021 eu me apavorei em vê-las trabalhando ali pois elas fazem parte do grupo de risco devido à idade e em plena pandemia, com apenas uma dose da vacina, elas não foram poupadas em se exporem a um trabalho como esse, com o prédio recebendo centenas de pessoas diariamente. Quanto vale uma vida?

Às vezes fico pensando na questão etária, minha vó se aposentou por conta da idade pois nunca trabalhou registrada e consegue viver dignamente com esse salário porque possui uma outra fonte de renda e uma rede de apoio, mas se ela não tivesse essa outra renda e a família ajudando, será que ela ainda estaria trabalhando ativamente aos 78 anos? Muito provavelmente sim. Porra de país.

O meu maior sonho hoje é envelhecer com dignidade, tendo direito ao descanso, à uma vida tranquila. Infelizmente a realidade aqui é diferente e muitas vezes nossos mais velhos ainda estão no corre porque o salário mínimo da aposentadoria não é garantia nenhuma no país que vivemos hoje. Então você tem que dar seus pulos, mesmo sentindo que faz isso desde o dia em que você nasceu, sem interrupção.

Uma tristeza ao escrever esse texto é não saber os nomes delas. Sempre conversamos, rimos, trabalhamos juntos, mas eu ao menos sei seus nomes. Acho que elas nunca perguntaram meu nome também, mas eu queria as conhecer para além do “tias”, que num primeiro momento traz até uma sensação de familiaridade mas eu não quero unificar todas em um grupo só, queria saber seus nomes, sobrenomes, os bairros que moram. Será que alguma delas mora perto de mim? Eu sempre quis encontrar alguém que morasse perto de mim na universidade. Durante esses anos pude conhecer algumas pessoas aqui da zona sul: Capão Redondo, Grajaú, Campo Limpo. Mas eu queria mesmo ver alguém do meu bairro na universidade e por um momento eu me sinto mal por isso, penso ingenuamente que eu poderia mudar essa realidade, como se a falta de acesso à uma educação de qualidade para pessoas mais pobres não fizesse parte de um plano de Estado. Porra de país.

Mas esses dias, estava voltando da faculdade e no mesmo ônibus que eu estava um colega de trabalho das meninas, achei legal saber que tenho mais um parceiro da zona sul. Até que então chega o ponto mais próximo da minha casa e surpreendentemente ele desce no mesmo ponto que eu. Será que tenho um vizinho na Unesp? Vou fazendo o caminho rumo a minha casa e ele entra no bar do Nilsinho, um bar aqui na esquina de casa. Depois desse dia, várias foram as vezes que passei por lá e ele estava sentado tomando uma depois de um dia de trabalho.

Ele aparenta ter uma idade bem próxima do meu pai e morando no mesmo bairro provavelmente eles estudaram na mesma escola. Minha cabeça vai pensando: “Será que eles já jogaram bola juntos? Será que eles são amigos até hoje e eu não sei? Ah, meu vô ele co certeza conheceu, não tem como morar no Jardim Selma e não conhecer o Antônio Pinguinha. Ah, com certeza ele conheceu meu avô!!!”. Pensamentos de quem finalmente encontrou alguém do seu bairro na universidade.

Infelizmente não conseguimos até hoje trocar muita ideia, não é a mesma relação que possuo com as meninas e talvez a questão de gênero acaba afastando um pouco os nossos mundos que são tão, tão, tão próximos.

Esses dias mesmo eu passei próximo a ele e ele cutucou o amigo dele do lado sussurrando alguma coisa sobre mim. Eu fiquei querendo muito saber do que se tratava...

Será que ele comentou do meu cabelo?

Do meu brinco?

Da minha maquiagem?

Da minha roupa curta? Do meu corpo?

Do fato de morarmos tão próximos?

Será que ele me enxerga a partir das nossas semelhanças ou das nossas diferenças?

Nunca vou saber. Mas tive a sensação de que riram de mim. Mas bom.... Se riram mesmo, prefiro criar uma ficção na minha cabeça de que isso foi apenas um delírio meu e que na verdade, assim que passei, a única coisa que ele comentou com seu amigo foi que também estava feliz por finalmente ter achado alguém do seu bairro ali na universidade, e falado isso, os dois sorriram.

8 Menino ou menina? - rios que caminham juntas

Dia 10 de março. Estava acompanhando minha primeira aula de artes com o 2º ano do ensino fundamental naquela escola particular já mencionada anteriormente em que estagiei no início deste ano. Enquanto a professora que eu acompanhava preparava alguns materiais da aula, me vi a sós com os estudantes e querendo puxar assunto perguntei: “você estão bem? Como está sendo a semana de vocês?”. Ali eu estava apenas querendo conhecer um pouco mais a turma, porém não esperava que para me conhecerem melhor eles iriam me retribuir com outra pergunta: “você é menina ou menino?”.

Repentinamente perdi a voz por alguns segundos e enquanto pensava em uma boa resposta algumas crianças já respondiam por mim: “é menino”, porém rapidamente outras discordavam: “é menina”, seguido a uma justificativa: “olha o cabelo, olha a calça de borboleta, é menina”. Enquanto eu me via sem saber o que fazer diante dessa situação, observei também aqueles que apenas cochichavam e riam olhando em minha direção. Me sinto mal por não saber como responder a eles sinceramente sobre minha identidade naquele momento. Até que um tempo depois, uma estudante diz: “nem menino e nem menina, é as duas coisas”, alguns concordam com essa definição, inclusive eu e tento finalizar essa discussão para darmos continuidade ao assunto da aula e não me constranger ainda mais naquele espaço. Mas não adiantou totalmente, eles continuaram me questionando algumas vezes ao longo da aula sobre a mesma questão. Situações semelhantes já haviam acontecido anteriormente com o 5º ano, quando me questionaram porque eu uso “calça de mulher”, se referindo a minha calça com desenhos de borboletas. Ou também quando me perguntavam sobre o tamanho das minhas unhas: “tio, menino pode ter unha grande? Por que a sua é desse tamanho?”. Nesses momentos sempre tentei dizer às crianças que nada no mundo possuía relação com gênero e tudo pode ser usado por todos, desde que aquilo faça bem a pessoa. Porém, ter que responder se sou menino ou menina para crianças tão pequenas que eu não saberia como iriam reagir a partir da resposta, ou o que elas poderiam falar posteriormente para seus pais e/ou para coordenação da escola. Não sabia que proporção esse assunto poderia tomar, então ali optei por apenas silenciar essa discussão, mesmo ela sendo uma ótima oportunidade para falarmos sobre existências múltiplas e diversas.

Mas eu tinha praticamente acabado de chegar na escola, não sabia como as coisas funcionavam, ainda estava tentando sentir em que chão estava pisando ali, tive medo de

falar enquanto educador. Por isso tenho que admitir aqui neste trabalho que durante muito tempo eu tive pavor de dar aula em escolas justamente porque sabia que esses momentos

chegariam. Ignorei muitas vagas de emprego pois sabia que meu gênero seria uma questão ali naquele espaço e durante 4 anos de minha graduação eu optei por trabalhar em lugares informais que me trouxessem maior segurança nessa questão, pois o sistema-escola ainda não parece lidar muito bem com corpos que rompem com a cisgneridade.

Lembro que no meu primeiro dia de estágio nessa escola, notei que um colega meu de trabalho era tratado no masculino entres nós estagiários, mas quando estava com os estudantes o tratavam no feminino. Por isso, decidi perguntá-lo por quais pronomes ele tinha preferência e a resposta que recebi foi a seguinte: “entre a gente (estagiários) no masculino, mas na frente das crianças no feminino.” Poxa, como posso acreditar numa escola assim?

Eu quero poder acreditar em uma escola em que todo corpo seja capaz de existir, seja na docência ou na discência. Existindo em plenitude, feliz, dono daquele espaço, confortável, acolhido, possível, humanizado, pertencente.

Quando lembro das primeiras violências ligadas a gênero e sexualidade que passei na vida, a imagem de uma escola vem na minha cabeça. Volto a lembrar aqui sobre o EMEI, ali quando eu tinha entre 4 e 5 anos. Agora, observando de fora, me entristece saber que essas violências me atravessam desde tão cedo. Nenhum corpo e muito menos o de uma criança merece estar exposto a essas violências num ambiente que deveria te trazer segurança, como supostamente é a escola. Se o lugar que deveria ser um espaço de aprendizagem se torna um lugar hostil e violento, falhamos em algum ponto. Lembro de várias dores de cabeça e barriga que inventei para não ter que ir à escola, aos poucos aquele espaço foi se tornando uma referência ruim de permanência para mim.

Lembro da minha professora nessa época do EMEI, seu nome era Tereza e ela era brava, com ela não tinha muito sorriso e vejo hoje que ela apenas optou por ignorar as situações em que um corpo como o meu estava suscetível a vivenciar ali. E assim como eu fiz lá em cima, ela também optou por silenciar certas discussões. Afinal, quem está realmente disposto a tornar a escola um espaço mais seguro para corpos trans? Quem está realmente disposto a tornar a escola um espaço seguro para todes?

O patriarcado tem sido o sistema que vem moldando a nossa sociedade desde o seu princípio e favorecendo a existência deles: homens brancos, cisgêneros, heterossexuais, machos. E a história nos mostrou que quem pudesse apresentar qualquer tipo de ameaça a eles iria queimar no fogo ardente de uma fogueira. Talvez a temporada de caça às bruxas mudou seus signos ao longo dos anos, mas ela ainda se faz presente quando somos criadas para viver com medo em um mundo que sabemos que é dominado por eles, somos criadas para a manutenção do mundo deles.

Logo, desde cedo você aprende que se eles te leem (de forma genitalista) como um homem que expressa qualquer traço do que eles entendem como “feminilidade”, você virará o alvo de piada, de violência, de agressão. O mesmo acontece se eles te leem como uma mulher que apresenta o que eles consideram trejeitos que eles veem como “masculinos”, é como se seus cérebros limitados pela visão de um mundo patriarcal não conseguisse compreender que o corpo que eles são ensinados desde cedo a ver como um objeto de desejo se aproxima em algum nível do que eles são ensinados a abominar sexualmente, é como se seus neurônios não fossem capaz de compreender outras existências além das que estão previamente postas: o homem cis e a mulher cis. O mesmo choque acontece quando eles encontram aqueles que não se identificam dentro de uma lógica binária de gênero e que os pronomes utilizados são “Elu/Delu”. Vemos hoje um grande incômodo por parte deles com o pronome neutro, algo que nos parece ainda recente, novo, e talvez por isso eles abominam tanto, aliás eles lutam fortemente pela manutenção do mundo do jeito que ele é hoje, aliás só os favorece.

Eles não estão dispostos a aprender a dialogar com nós pois eles estão em busca da conservação dessa supremacia que exercem pois desde muito cedo puderam se sentir no topo dessa pirâmide social e não é agora que eles irão abrir mãos de seus privilégios. Porém o mundo corre e se torna urgente que eles também aprendam a dialogar com a gente, aprendam a falar a nossa língua, línguas diferentes das que nos empurraram goela abaixo. Se não quiserem ficar para trás, eles precisam se adaptar ao que historicamente tentaram apagar, aliás, podemos encontrar identidades não binárias em nossa história desde os povos originários. Como já disse aqui, talvez nem estejamos criando tantas coisas novas assim, na verdade estamos apenas em movimento de retomada. Os a ser o assunto que não se pode entrar para não causar desconforto nos demais, por isso, surge a urgência de nossos corpos serem naturalizados, estarem em plenitude e segurança na escola, faculdade, encontros de família, ou o que seja. Existimos e falar sobre isso não deveria ser um problema. Somos criadas para ter medo de falar de certos assuntos apenas para manter as coisas do jeito que estão, confortáveis para eles e desconfortáveis para nós. Não me parece justo. Talvez essa seja a hora de transferir esse desconforto para eles, aliás não fomos nem nós que o criamos.

Será que estou contribuindo de fato para matar ou para manter o mundo em que habitamos hoje? Porque não vejo mais sentido nenhum em sua manutenção e toda noite eu escuto a voz de uma travesti sussurrar no meu ouvido para me auxiliar a orar por seu fim.

E é também durante essas minhas orações a noite que eu peço que para que meu trabalho possa contribuir de alguma forma na construção de um mundo mais seguro para essas

crianças parecidas comigo para que elas não vivam a base do medo, aliás tudo em nossa

criação nos leva a temer. Medo de sair na rua. Medo de usar certa roupa. Medo de falar de um certo jeito. Medo de se posicionar firmemente. Medo de abrir uma discussão importante em sala de aula. Temos até medo do medo.

Mas espero que essas crianças nunca tenham ser quem verdadeiramente são e assim possam viver em total plenitude sua infância, com segurança e acolhimento. Para que quando pensem no ambiente escolar, elas se sintam pertencentes e não exclusas. Para que quando pensem em um lugar violento, elas não pensem em uma escola. E que num futuro próximo elas encontrem espaço para também escrever poesias, canções e histórias bonitas. E que assim como a escritora e poetisa estadunidense Maya Angelou, elas também possam escrever livros lindos que digam com toda força e plenitude: nada na vida me assusta. Nada na vida me assusta.

9 Conclusão

Nesse emaranhado de palavras que compusemos, trazemos à tona uma teia complexa de questões políticas e sociais que ecoam em nossos corações, desenhando um cenário da resistência e da busca por uma identidade nacional que nos reconhece como parte fundamental da história. Rememoramos que a tradição oral, preservada através das histórias compartilhadas, desempenha um papel fundamental na construção da identidade das pessoas negras e indígenas no Brasil.

Walter Benjamin e bell hooks, dois pensadores de diferentes épocas e contextos, compartilham uma crença fundamental na importância de contar histórias como uma ferramenta de resistência e transformação social.

Para Benjamin, a narrativa tem o poder de resgatar e preservar o conhecimento e a memória. Ele acreditava que, em um mundo cada vez mais dominado pela alienação e pela mercantilização da cultura, contar histórias era uma forma de resistir à perda de autenticidade e significado. Em suas palavras, as histórias são como "os fragmentos de um tesouro que alguém guarda secretamente".

bell hooks, por sua vez, foca na dimensão social e política das histórias. Ela destaca a importância de ouvir as vozes marginalizadas e contar suas histórias como um ato de justiça social. hooks argumenta que as narrativas podem ser uma ferramenta para desafiar as estruturas de poder opressivas e promover a empatia e a compreensão entre diferentes grupos sociais.

Ambos os pensadores enfatizam que contar histórias não é apenas uma atividade passiva, mas sim um ato político e cultural. É uma maneira de dar voz aos que são silenciados, de questionar as narrativas dominantes e de criar espaços para novas perspectivas e experiências.

Na perspectiva de esquerda, esse paralelo entre Benjamin e bell hooks nos lembra da importância de utilizar as histórias como ferramentas de resistência contra a opressão, de promover a justiça social e de construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Contar histórias é uma forma de reivindicar nossa humanidade compartilhada e de lutar por um mundo onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Com a nossa chegada ainda recente dentro do espaço acadêmico, o choque em nos ver produzindo pesquisas a partir de nossas perspectivas acontece com certa frequência, muitos pesquisadores ainda nos olham como produtores de “saberes não-acadêmicos” ou simplesmente como pessoas “anti-academia”, e talvez seja mesmo algo próximo desse lugar onde queremos chegar. Escrevemos aqui um trabalho ainda numa linha de raciocínio criada por eles: introdução, desenvolvimento e conclusão. Começo, meio e fim. Os códigos utilizados ainda são deles, mas todas as narrativas e referências são nossas, escritas para e pelos nossos. Aos poucos adentramos a estrutura para subverter a estrutura. Aprendemos a sua língua para modificar a sua língua. E a meta é que mudemos cada vez mais, pois vemos hoje que o mundo colonial deles se encontra cada vez mais em ruína pois ele (o mundo) não funciona mais. Por isso estamos aqui construindo coisas novas, ocupando lugares que não foram criados para nós, não foram pensados para nós e que ainda estão se adaptando a nós.

No livro “A lalorixá e o Pajé”, Mãe Stella de Oxóssi nos conta sobre sua vivência enquanto enfermeira em contato com um sacerdote indígena em meio a epidemia da gripe de 1957 a 1958 na Bahia, onde ela narra que ao conhecê-lo pode trocar diversas vivências a respeito da medicina que existe nas florestas desse país, uma valiosa sabedoria ancestral. Porém, ao contar para suas colegas de profissão sobre as trocas poderosas que teve com o pajé, as outras enfermeiras fizeram pouco caso do assunto e ela nos relata no livro justamente o preconceito que há entre o mundo acadêmico e o mundo das culturas tradicionais, onde os saberes dos brancos sempre será mais valorizado na lógica desse mundo colonial. É preciso agora questionar os “grandes nomes” e parar para ouvir os saberes da rua, os saberes marginais, aqueles que nasceram longe da academia e tanto nos tem a ensinar.

A capoeira que hoje é reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, foi considerada crime no Brasil até 1934. O rap e o funk, estilos de música criados por pessoas pretas e periféricas, são constantemente alvo de ataques políticos com a criação de projetos de leis que visam a sua criminalização justamente por serem vistos pela ótica colonial como uma “não cultura”, uma arte de menor valor. Ou seja, a ótica racista e classista criada por eles, coloca em cheque toda a credibilidade de saberes que não nascem no espaço acadêmico, que se desenvolveram nas ruas, justamente por aqueles que foram privados do direito à uma educação de qualidade por tanto tempo. Mas cá estamos produzindo coisas lindas: escrevendo, atuando, cantando. Mesmo que com nossos conhecimentos “pouco acadêmicos”, a vida nos ensinou poesias ainda incompreensíveis por eles, mas de um valor imaterial para cada um que se identificar ao ler esses escritos.

Escrevemos aqui sobre sonhar, pois se não fosse um sonho talvez não teríamos chegado aqui até o último ano da graduação. Foram muitas idas a faculdade com Emicida no nosso fone dizendo em sua música *AmarElo*:

*“Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
 Levanta essa cabeça
 Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
 Respira fundo e volta pro ringue (vai)
 Cê vai sair dessa prisão
 Cê vai atrás desse
 diploma
 Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
 Faz isso por nós
 Faz essa por nós (vai)
 Te vejo no pódio”*

Como um bom mestre de cerimônia, Emicida é apenas um de tantos outros poetas que nos inspiraram ao longo de todos esses anos a acreditar em nossa força coletiva e individual, a acreditar na possibilidade da graduação e da construção de um mundo novo para nós, bem diferente daqueles que víamos como realidade quando crianças. Artistas como ele nos inspiram a sair um pouco da materialidade em que vivemos para construção de algo novo, uma realidade outra. Sonhar é importante, nos mantém vivos nessa lógica de mundo hoje repletos de discursos fatalistas, onde se propaga que o mundo sempre foi assim e sempre será, confortável para eles e violento para nós. Precisamos sonhar e melhor ainda: esperar. Como reflete Paulo Freire, outro poeta que inspira aqui nossa jornada: “...tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”

Então sonhemos e realizemos tudo aquilo que o discurso fatalista tentou tirar de nós durante todos esses anos.

Ailton Krenak, líder indígena, filósofo e escritor brasileiro, tem trazido uma perspectiva profunda sobre o sonho e sua importância em sua obra e discursos. Para Krenak, o sonho não é apenas uma atividade noturna do inconsciente, mas uma parte fundamental da jornada humana e da resistência contra a destruição do meio ambiente e das culturas indígenas.

Ailton Krenak enfatiza que os sonhos são uma maneira de reconectar-se com a natureza e com as raízes culturais. Em um mundo cada vez mais dominado pela exploração dos

recursos naturais e pela degradação ambiental, ele argumenta que é crucial sonhar com um futuro em que a harmonia entre os seres humanos e a natureza seja restaurada. Além disso, Krenak acredita que os sonhos têm um papel importante na construção de uma nova visão de mundo. Ele desafia a ideia de que o progresso está atrelado ao crescimento econômico desenfreado e defende que precisamos sonhar com uma sociedade mais justa e equitativa, onde a terra e os recursos sejam compartilhados de maneira sustentável.

Para Krenak, o sonho não é passivo; é uma força motriz que nos impulsiona a agir em prol de um mundo melhor. Ele nos convida a sonhar coletivamente e a transformar esses sonhos em ações concretas de resistência e transformação social.

Ailton Krenak nos lembra que, mesmo diante dos desafios ecológicos, culturais e políticos que enfrentamos, o sonho é uma ferramenta poderosa para reimaginar e reconstruir um mundo mais solidário, ecológico e justo. Ele nos inspira a sonhar com um futuro onde a humanidade possa coexistir de maneira harmônica com a natureza e celebrar a diversidade cultural que enriquece nosso planeta.

Com Conceição Evaristo, cuja escrita é visceral, somos transportados para as margens da sociedade, onde as vozes silenciadas se erguem em histórias de luta e sobrevivência. Esses autores, juntamente comigo mesmo, destacam que contar histórias transcende a mera narrativa individual; é uma forma de revelar as complexas intersecções de racismo e classismo que permeiam a sociedade brasileira.

As histórias que compartilhamos não são apenas relatos individuais, mas manifestações de uma resistência coletiva. Elas ecoam sobre a herança de lutas passadas e a necessidade de enfrentar as injustiças presentes. E, ao fazê-lo, essas histórias contribuem para a construção de uma identidade nacional que reconhece e celebra a diversidade, contrastando com a narrativa dominante que frequentemente exclui e silencia.

A tradição oral emerge como um poderoso veículo para transmitir conhecimento, cultura e resistência através das gerações. É através dessas narrativas que as vozes marginalizadas encontram espaço para se fazer ouvir, desafiando as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade. Portanto, contar essas histórias não é apenas uma expressão artística, mas também um ato político, uma forma de descolonização e uma busca por justiça social.

Num contexto de posicionamento de esquerda, a importância dessas histórias se torna ainda mais evidente. Elas nos recordam das lutas contra a opressão, do papel crucial da solidariedade e da urgência de transformar as estruturas sociais e políticas para assegurar uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Assim, em meio às palavras entrelaçadas, reafirmamos nosso compromisso com uma visão de mundo circular e coletiva, onde as histórias que contamos continuam a moldar um caminho em direção a uma sociedade

verdadeiramente equitativa não só nos direitos civis, mas nos direitos à terra, à educação, aos sonhos, a diferentes cosmovisões, onde diversos rios com diversos cursos sejam uma realidade e não um exercício de rebeldia de imaginação.

Referências

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Editora Pallas. 2014.

Silva, Denise Ferreira da. **A Dívida Impagável: Sobre a Moral e a Ética da Política**. São Paulo: Editora N-1 Edições, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1994.

hooks, bell. **Ensinando o Pensamento Crítico: Resistência e Prática Democrática**. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano** Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma distribuição de gênero e anticolonial da violência**. [S. l.]: _____, Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi/19. Acesso em: 26 out. 2023

OLIVEIRA, L. F. de.; CANDAU, V. M. F.. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 15–40, abr. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 8 nov. 2023.

OXÓSSI, Mãe Stella de. **O lalorixá e o Pajé**. Lauro de Freitas: Editora Solisluna, 2018.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI:

10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 3 out. 2023.

